



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ
CAMPUS PEDRO II
CURSO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

MARIA DA CONCEIÇÃO DE SOUSA ALVES

**INTERVENÇÃO EDUCATIVA E AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE
SIFÍLIS COM PACIENTES ATENDIDOS EM DUAS UNIDADES BÁSICAS DE
SAÚDE NO PIAUÍ**

PEDRO II

2023

MARIA DA CONCEIÇÃO DE SOUSA ALVES

**INTERVENÇÃO EDUCATIVA E AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE
SIFÍLIS COM PACIENTES ATENDIDOS EM DUAS UNIDADES BÁSICAS
DE SAÚDE NO PIAUÍ**

Trabalho de Conclusão de Curso (artigo científico) apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma do Curso de ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, Campus Pedro II.

Orientador: Prof. Dr. Lidiane Amorim.

Co-orientador: Dra. Ana Maria Carreiro de Melo

PEDRO II

2023

INTERVENÇÃO EDUCATIVA E AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE SIFÍLIS COM PACIENTES ATENDIDOS EM DUAS UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE NO PIAUÍ

Maria da Conceição de Sousa Alves¹

Lidiane L. B. Amorim²

Ana Maria Carreiro de Melo³

RESUMO

A sífilis, doença sexualmente transmissível que afeta todos os órgãos e sistemas, continua sendo um problema de saúde pública, apesar da disponibilidade de tratamentos eficazes e de baixo custo. Para o diagnóstico da sífilis, é necessário combinar dados clínicos, resultados de exames diagnósticos, além de informações sobre história de infecção prévia e investigação de exposição recente de risco. O objetivo do trabalho foi analisar o conhecimento de pacientes atendidos em duas Unidade Básica de Saúde (USB) acerca da sífilis, antes e depois de uma intervenção educativa. Os instrumentos e procedimentos para coleta de dados foram questionários, observação, intervenção e roda de conversa. As variáveis do questionário foram tratadas com estatística descritiva. Contatou-se que 72,5% (29) eram mulheres e 27,5% (11) homens, quanto a faixa etária dos participantes, a maior parte possuía idade entre 31 e 45 anos (52,5% - 21) e os demais possuíam idade entre 20 e 30 anos (47,5% - 19). Identificou-se que a maioria dos participantes não possuía conhecimento adequado sobre o conceito, tratamento, prevenção e diagnóstico da sífilis nas duas UBS analisadas. Por fim, a realização da intervenção mostrou a relevância da educação em saúde na promoção do conhecimento a respeito da sífilis, seus riscos, métodos de prevenção, conscientização, os métodos de prevenção e teste.

Palavras-chave: prevenção; testes rápido; sífilis.

ABSTRACT

Syphilis, a sexually transmitted disease that affects all organs and systems, remains a public health problem, despite the availability of effective and low-cost treatment. For the diagnosis of syphilis, it is necessary to combine clinical data, results of diagnostic tests, in addition to information about the history of previous infection and investigation of recent exposure to risk. The purpose of this study was to evaluate the level of knowledge of patients regarding syphilis treated at a Basic Health Unit (BHU), before and after educational intervention. A study was developed through workshops of conversations, group dynamics, and semistructured questionnaire with patients. The questionnaire variables were assessed by descriptive statistics. It was verified that 72.5% (29) were women and 27.5% (11) men, regarding the age group of the participants, most were between 31 and 45 years old (52.5% - 21) and they were aged between 20 and 30 years (47.5% - 19). It was identified that most participants did not have adequate knowledge about the concept, treatment, prevention and diagnosis of syphilis in the two UBS patients. Finally, carrying out the intervention showed the

fidelity of health education in promoting knowledge about syphilis, its risks, prevention methods, awareness of prevention methods and testing.

Keywords: prevention; quick tests; syphilis.

Data de aprovação: 27/02/2023 (data de apresentação do TCC)

1 INTRODUÇÃO

A sífilis é uma doença infecciosa, que tem como agente causador uma bactéria chamada *Treponema pallidum*, a qual acomete vários órgãos do corpo humano, sendo considerada um problema de saúde pública, mesmo com diagnóstico mais acessível e tratamento eficaz e de menor custo (NEVES, 2020). Essa doença pode ser classificada como adquirida e congênita. A primeira se dá na maioria das vezes pelo ato sexual e, em raros casos por transfusão sanguínea ou acidentalmente, pela inoculação do organismo, enquanto a sífilis congênita ocorre por via transplacentária em gestantes infectadas não tratadas, ou inadequadamente tratadas, ao feto, podendo acarretar em aborto, prematuridade, malformações, problemas oftalmológicos, auditivos e neurológicos (REGINA *et al.*, 2016).

Os dados provenientes do boletim epidemiológico da sífilis auxiliam na constatação da população jovem como um grupo populacional vulnerável, visto que a faixa etária mais acometida foi de 20 a 29 anos nos últimos anos (RIBEIRO *et al.*, 2022). Segundo Caires *et al.* (2018), o aumento de casos de sífilis em jovens deve-se a falta de acesso à educação e informações sobre os métodos de prevenção e não conscientização da população a respeito da infecção.

Uma das estratégias para conhecer o nível de conhecimento da população sobre a sífilis é o uso de práticas de educação sexual, com ações para orientar sobre o diagnóstico, tratamento e prevenção; além disso, trabalhar com a educação em saúde tanto nas escolas como na comunidade, faz parte de uma estratégia excelente no controle e prevenção das Infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), assim como de outras doenças (FREIRE; SILVA; MAIA, 2019). Neste sentido, as escolas, os serviços de saúde e as universidades possuem papel fundamental nas atividades extensionistas, de modo que atuando em conjunto podem preencher lacunas e reduzir vulnerabilidades no campo da saúde e da prevenção, através de diálogos, trocas de saberes e apoio, favorecendo o aprendizado (SANTOS *et al.*, 2014).

Em alguns municípios do Piauí não existem departamentos específicos para o enfrentamento das ISTs, Hepatites Virais e tuberculose, assim como não existe um departamento de educação em Saúde, sendo as pessoas atendidas na unidade básicas de Saúde (UBS). Assim pode-se perguntar, homens e mulheres que frequentam a UBS tem realmente consciência dos problemas causados pela sífilis? Eles sabem as formas de prevenção? Assim, avaliar o nível de conhecimento básico de um grupo, numa comunidade, sobre a sífilis, é algo que se torna essencial para elaboração de novas estratégias que visem a erradicação dessa infecção na comunidade, dentre essas estratégia seria a disponibilização de oficinas educativas.

Neste contexto, foram delineados os seguintes objetivos de pesquisa: descrever e avaliar o perfil socioeconômico, os fatores de risco, as práticas sexuais e o conhecimento dos participantes da atividade educativa realizada em duas USBs no Piauí.

2 METODOLOGIA

Estudo transversal, de caráter descritivo-analítico, com abordagem quantitativa, realizada no período de novembro de 2022 em duas Unidades Básica de Saúde em uma cidade do Piauí. Foram incluídos no estudo, homens e mulheres com idade entre 20 e 45 anos convidados para participar da pesquisa, e atendidos no local citado para acompanhamento médico de outros problemas relacionados à saúde. Apenas 40 pacientes aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Para o desenvolvimento da intervenção, os pacientes foram convidados a responder ao questionário com oito perguntas objetivas para análise prévia dos seus conhecimentos acerca da temática a ser discutida posteriormente. O questionário foi dividido em 2 partes: • Primeira parte (identificação): idade; sexo; escolaridade; estado civil; • Segunda parte (perguntas relacionadas com o grau de conhecimento dos pacientes): essa parte do questionário visa avaliar o grau de conhecimento dos pacientes acerca da transmissão, das manifestações clínicas, da prevenção e do tratamento da sífilis. Após a aplicação, os questionários foram transcritos para planilha eletrônica no programa Excel. A análise foi realizada de forma descritiva. Os dados foram apresentados em frequência absoluta e frequência relativa.

Em seguida, foi realizada uma palestra com abordagem dialogada sobre a

sífilis com a participação da médica Ginecologista que atua no Instituto Federal do Piauí da referida cidade, embasada na valorização dos conhecimentos prévios do grupo em articulação com o saber científico contextualizado e significativo aos interesses e demandas do grupo. Nessa etapa, foi utilizado recurso audiovisual do tipo projeção em slides, em que foram abordados os seguintes domínios: conceito (definição da doença), transmissão (agente etiológico, epidemiologia), tratamento (sinais e sintomas, diagnóstico e possíveis tratamentos).

Logo em seguida foram abordados os domínios de vulnerabilidades e as ações preventivas para a população, com demonstração do uso correto dos preservativos masculino e feminino, distribuição de preservativos e realização de testes rápidos com os pacientes convidados a participar da palestra, foi utilizado como recursos didáticos peças anatômicas de acrílico da região genital masculina e feminina. Em sequência, todos os participantes receberam um panfleto para poderem disseminar os conhecimentos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados da seguinte forma: 4.1 Dados sociodemográficos dos participantes; 4.2 conhecimentos, comportamentos, atitude e práticas acerca da Sífilis.

4.1 Dados sociodemográficos dos participantes

Conforme a Tabela 1 houve uma prevalência de pacientes do sexo feminino – n=29 (72,5%), com predomínio entre a idade de 31-45 anos (52,5%).

Tabela 1. Distribuição dos usuários de acordo com as variáveis sociodemográficas, Pedro II, PI, Brasil, 2022.

Variáveis	Categorias	Número de pacientes que participaram da pesquisa (%)
Sexo	Feminino	72,5% (29)
	Masculino	27,5% (11)
Idade	31-45	52,5% (21)
	20-30	47,5% (19)
Estado Civil	Casado (a)	55% (22)

	Solteiro (a)	45% (18)
Escolaridade	Ensino Superior Completo	5% (2)
	Ensino médio completo	20% (8)
	Ensino médio Incompleto	10% (4)
	Ensino fundamental incompleto	60% (24)
	Ensino fundamental completo	5% (2)

Fonte: Autores, 2022.

Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Carvalho (2020), ao analisar o perfil de pacientes que realizam teste rápido para sífilis em uma USB de Pacatuba-CE, onde a maioria dos pacientes era do sexo feminino 84,6%. Esse maior número de mulheres reflete a baixa adesão dos homens em ações educativas e de prevenção da sífilis nas UBS. Maciel (2017) sugere que na atenção primária ainda se configura um desafio aproximar os homens em geral, principalmente parceiros de gestantes com sífilis, ao tratamento e às atividades educativas.

Segundo estudo realizado por Freitas (2022) fica evidente a falha do serviço de saúde do município, em convocar os homens para a realização da terapêutica, em prol da redução dos casos de transmissão vertical pelas gestantes, visto que os casos notificados em homens foi de 60%, já os dados do presente estudo demonstram maior presença feminina na palestra, ficando claro que provavelmente essa porcentagem tenha aumentado ou surgido, devido não apresentarem interesse ou preocupação em procurar saber sobre tratamento e prevenção para a doença.

Nascimento, Segundo e Barker (2011), também enfatizam que é preciso encontrar alternativas que engajem o homem na busca de ações de promoção de saúde, as quais são afetadas principalmente por padrões culturais e tradicionais, a exemplo da visão do homem como provedor ou sexualmente “incontrolável”, ou ainda como violento, favorecendo situações de vulnerabilidade. Assim, não é incomum notar que os homens só procuram por assistência com finalidade curativa ou de reabilitação, não para fins preventivos (SILVA *et al.*, 2012).

Com relação à faixa etária estudo descrito por Santos *et al.* (2021) intitulado “Diferenças sociais e comportamentais entre homens e mulheres diagnosticados com Sífilis em um centro de testagem e aconselhamento”, apresenta como resultado a faixa etária acima de 25 anos como a mais prevalente em ambos os sexos, Dessa forma o presente estudo demonstra o quão importante o uso de ações educativas para abordar mais pessoas dessa faixa etária a realizar o diagnóstico e iniciar os

tratamentos em casos de infecção.

A maioria dos participantes possuíam estado civil casado, $n = 22$ (55%). Furtado *et al.* (2019) também observou que a maioria das participantes eram casadas (58%), 36% solteiras e 6% outros (viúvas e separadas). Essa maior taxa de mulheres casadas em atividades educativas, pode estar relacionado ao desejo de ter novos filhos sem o risco de transmissão vertical ou a existência de dependência financeira do parceiro. Neste caso, talvez seja um agente dificultador da negociação do sexo seguro e, por isso, as mulheres buscam informações de como fazer o diagnóstico e o tratamento correto em caso de infecção (ARAÚJO *et al.*, 2007).

Outros estudos apontam as mulheres solteiras como predominantes em pesquisas sobre a sífilis, sendo muito provável esteja associado a uma limitada estabilidade nos relacionamentos ou gravidez indesejada, além da perspectiva de mudança de parcerias sexuais e, conseqüentemente, uma alta probabilidade de contrair sífilis (SILVA; TEIXEIRA; NASCIMENTO, 2017; CUNHA; BISCARO; MADEIRA, 2018).

No que diz respeito a escolaridade dos participantes, notou-se que a maioria dos frequentadores das UBS analisadas possuíam ensino fundamental incompleto (60%, $n = 24$), seguindo por ensino médio completo (20%, $n = 8$), ensino médio incompleto (10%, $n = 4$), ensino superior completo (5%, $n = 2$) e ensino fundamental completo (5%, $n = 2$). Consta-se que as características de vulnerabilidade relacionadas aos grau de escolaridade das pacientes que participaram da palestra foram semelhantes às de mulheres notificadas no município, segundo Freitas (2022), em que 33,4% das mulheres notificadas completaram até o ensino fundamental e 11,1% tinham ensino médio completo. Com diferença apenas pelo fato de que nesse estudo, as pacientes não eram notificadas com a doença. Neste contexto, acredita-se que essa população tenha um grau de conhecimento mínimo sobre a importância do acompanhamento do pré-natal e das medidas de prevenção da sífilis.

Em uma pesquisa recente sobre o conhecimento das mulheres puérperas sobre sífilis, Rabelo *et al.* (2020), observaram que 43,2% das mulheres possuíam apenas o ensino fundamental, enquanto 41,7% ensino médio e 14,9% cursaram o ensino superior. Os autores concluíram que o conhecimento de puérperas sobre infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), em especial sífilis, foi inadequado devido ao baixo percentual que não souberam citar a forma de transmissão vertical e aparência saudável como indicativo para IST. Em uma pesquisa recente sobre análise

epidemiológica de casos notificados no município Freitas (2022) foi revelado que o nível de conhecimento sobre a Sífilis no município ainda é precário, visto que foram registrados casos da doença em recém-nascidos, um óbito, e tratamento inadequado entre 5 gestantes, deixando evidente a importância de ações educativas para o conhecimento das mulheres puérperas.

Nos estudos de Maschio-Lima *et al.* (2019), foi identificado o aumento na taxa de detecção da infecção por sífilis em mulheres jovens dentre 20 a 29 anos, sendo mulheres brancas com a escolaridade predominante ensino fundamental incompleto, revelando a necessidade de ações voltadas para a educação em saúde, para práticas sexuais mais seguras e planejamento familiar com abordagem de fácil acesso, já que nesta fase a sexualidade é mais intensa. Embora no Brasil, a população mais afetada pela sífilis são as mulheres, principalmente as negras e jovens, na faixa etária de 20 a 29 anos. Somente esse grupo representa 14,4% de todos os casos de sífilis adquirida e em gestantes notificados. Na comparação por sexo, as mulheres de 20 a 29 anos alcançam 26,2% do total de casos notificados, enquanto os homens nessa mesma faixa etária representam apenas 13,6%. (UNFPA, 2018)

Outros estudos anteriores apontaram que, entre as mulheres, alguns dos determinantes encontrados para a contaminação por sífilis foram baixa escolaridade e condição socioeconômica, além de uma adesão ineficaz no que se refere ao uso de preservativo associado principalmente a múltiplos parceiros sexuais e parceiro com histórico de infecções sexualmente transmissíveis (NUNES *et al.*, 2021). Dessa forma, é notável como a vulnerabilidade social exerce um fator direto com o desenvolvimento dos casos de sífilis (SOUZA *et al.*, 2018). No entanto, não se pode afirmar que a sífilis seja uma condição exclusiva da população mais carente, independentemente da condição social ou econômica, todos podem adquirir a infecção, contudo, o risco é maior em populações mais vulneráveis (PADOVANI *et al.*, 2018).

Furtado *et al.* (2019), ao avaliar o nível de conhecimento de mulheres em idade fértil a respeito da sífilis, atendidas em uma unidade básica de saúde, apontaram que 31% das voluntárias apresentaram ensino médio completo, 29% ensino médio incompleto, 22% ensino fundamental incompleto, 13% fundamental completo e outros (não alfabetizados e nível superior) foram 5%. Farias *et al.* (2015) apresentam resultados semelhantes à pesquisa, com base nos dados apresentados, nos quais 53 (40,1%) cursaram o ensino médio completo, 34 (25,7%) fundamental completo, 19 (14,3%) fundamental incompleto, 16 (12,1%) ensino médio incompleto, 8 (6%) ensino

superior e 2 (1,5%) eram analfabetas.

Assim, pode-se notar que muitos estudos sugerem que as elevadas taxas de sífilis são provavelmente mais relacionadas a fatores comportamentais de que por fatores imunológicos, ressaltando, desse modo, a educação em saúde como fundamental para construção de conhecimentos em saúde para o autocuidado.

4.2 Conhecimentos, comportamentos, atitude e práticas acerca da Sífilis.

Sobre o conhecimento da sífilis, 57,5% (n = 23) dos participantes afirmaram, antes da intervenção, ser uma infecção sexualmente transmissível curável e com tratamento. Após a intervenção, esse valor aumentou para 87,5% (n = 35) com redução do número de pessoas que afirmavam desconhecer. Esse aumento no conhecimento dos participantes sobre a doença após a intervenção é um fato positivo, pois ajuda na maior compreensão da gravidade e desenvolvimento dessa infecção.

Tal resultado mostra-se positivo, e similar a uma pesquisa realizada com mulheres grávidas em uma USB – onde o percentual foi um pouco superior, 59% das mulheres conheciam a sífilis (FURTADO *et al.*, 2019). No domínio “agente causador” da sífilis, observou-se que durante o pré-teste, existiam dúvidas em relação ao microrganismo, no qual 70% (n = 28) responderam bactéria; porém, no pós-teste, o quantitativo foi de que 90% (n = 36) dos participantes compreenderam o tipo de agente.

Sobre a forma de transmissão, inicialmente 70% (n = 28) apontou como causa o contato sexual, transfusão sanguínea e da mãe para o bebê, após a palestra foram 82,5% (n = 33). Quando questionados sobre o método de prevenção, antes da palestra 77,5% (n = 31) dos participantes afirmou o uso correto e regular da camisinha, após a palestra foram 87,5% (n = 35).

Dessa forma, faz-se necessário a ampliação de atividades educativas para o controle e prevenção desta doença. Um estudo realizado em Unidades Básicas de Saúde (UBS) no Paraná, entre 2013 e 2015, demonstrou que houve uma redução nos índices de transmissão vertical, assim como taxa de mortalidade específica por sífilis após uma atividade educacional com os profissionais da unidade (LAZARINI; BARBOSA, 2017).

Outros estudos que também trataram da temática do enfrentamento das IST sinalizam em seus achados a necessidade de investimentos em educação em saúde,

tendo em vista que a maioria das pessoas jovens e os adultos têm acesso à informação apenas por equipamentos de mídia (jornais, televisão e internet) (CASTRO, 2018; FONTES *et al.*, 2017).

A respeito do nome do teste para detecção da sífilis a maioria não sabia qual o nome (35,5%, n = 15), todavia após a palestra, 87,5% (n = 35) souberam identificar o “teste rápido”. Os participantes ainda foram questionados se quem já teve sífilis pode pegar novamente, 65% (n = 26) respondeu que sim antes da intervenção e no pós-teste esse número cresceu para 92,5% (n = 37).

E por fim quando questionados a respeito da participação de palestras, ou se já foram informados sobre o uso do teste, para identificação da Sífilis na UBS local, 57,5% (n = 23) responderam que sim antes da palestra, após a intervenção esse valor aumentou para 87,5% (n = 35).

Diante dos dados analisados, constatou-se a importância da intervenção educacional da promoção da educação sobre a temática de Sífilis e demais ISTs, notou-se ainda que a realização da palestra reduziu a quantidade de pessoas que não entendiam o conceito, classificação, detecção, transmissão e prevenção dessa doença. Além disso, o estudo demonstrou a importância dos métodos de prevenção aos participantes, fazendo com que eles identificassem esse método como eficiente na prevenção da sífilis.

No artigo de Palhares *et al.* (2020) também fica evidente a necessidade de campanhas educativas para informar as pacientes sobre sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis. Os autores ainda recomendam a realização de palestras sobre sífilis com grupo de gestantes, abertura de um espaço de atendimento individual e empenho no esclarecimento das principais dúvidas das pacientes.

Segundo Souza *et al.* (2018,) as intervenções educacionais no controle e prevenção da sífilis, podem orientar e educar a comunidade, incentivando a população a se prevenir, melhorando assim a qualidade de vida. Nesse contexto, Lazarini e Barbosa (2017) enfatizaram que as ações educativas dos profissionais de enfermagem estão intimamente relacionadas à prevenção e cuidados com a sífilis congênita. Em seu estudo, eles validaram a otimização da detecção precoce da sífilis durante a gravidez, reduzindo assim a transmissão vertical e reduzindo a mortalidade infantil por sífilis.

Outro estudo realizado em um município do Ceará-CE sobre conhecimentos de idosos relacionados à sífilis indicou que, após a realização de oficinas com esta

população, houve um aumento considerável em relação aos seus conhecimentos. Ainda, destacou que se deve levar em consideração as características culturais dos indivíduos na elaboração de programas educativos voltados para a prevenção (BASTOS *et al.*, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer o perfil socioeconômico, avaliar comportamentos sexuais, bem como o conhecimento sobre a sífilis da população que frequenta UBS durante uma atividade educativa, deixou evidente que a ação educativa realizada foi de extrema importância para melhoramento no esclarecimento das principais dúvidas dos pacientes quanto a doença, permitindo com que conhecessem as formas de prevenção, transmissão e tratamento da Sífilis.

Assim, os cursos de ensino superior, juntamente com a equipe de saúde, de regiões do interior do Piauí devem desenvolver atividades que incentivem e encorajem a atuação dos homens e das mulheres a desenvolverem ações de prevenção para evitar a transmissão da sífilis através do contato sexual, além de insentivar a realização de testes rápidos e os tratamentos de forma adequada nos casos positivos.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, R.C.; JONAS, E.; PFRIMER, I.A.H. Mulheres reclusas e vulnerabilidade ao vírus HIV/AIDS. **Estudos Feministas**. Goiânia, v. 34, n.11/12, p. 1021-1040, 2007.
- BASTOS, L. M. et al. Avaliação do nível de conhecimento em relação à Aids e sífilis por idosos do interior cearense, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2495-2502, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis**. 2018. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-de-sifilis-2018> Acesso: 05 mar. 2023.
- CAIRES, C. R. et al. A importância da informação sobre Sífilis. **Revista Científica**, V.1, n.1, p.1-12, 2018.
- CARVALHO, A. B. **Perfil dos usuários que buscam a realização de testes rápidos da sífilis em uma unidade básica de saúde em Pacatuba**. 2020. Tese de Doutorado (bacharel em farmácia) - Centro Universitário Fametro (UNIFAMETRO). 2020. Disponível em: http://repositorio.unifametro.edu.br/bitstream/123456789/666/1/ARTEMILDA%20BEZERRA%20DE%20CARVALHO_TCC.pdf Acesso em: 20 dez. 2022.
- CASTRO, R. F. Sífilis: projeto de intervenção no município de Saudades, Santa Catarina. 2018. **Monografia (Especialização em atenção básica)** - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- CUNHA, N. A.; BISCARO, A.; MADEIRA, K.. Prevalência de sífilis em parturientes atendidas em uma maternidade na cidade de Criciúma, Santa Catarina. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 47, n. 1, p. 82-94, 2018.
- FARIAS, Ilnahra Araruna de. **Estudo de prevalência de doenças sexualmente transmissíveis entre mulheres em idade fértil atendidas em estratégias de saúde da família de Acari/RN**. V 5, N 1, 2015.
- FONTES, Miguel Barbosa et al. Determinant factors of knowledge, attitudes and practices regarding STD/AIDS and viral hepatitis among youths aged 18 to 29 years in Brazil. **Ciencia & saude coletiva**, v. 22, p. 1343-1352, 2017.
- FREIRE, I.; SILVA, D.; MAIA, C. EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: PROMOVENDO AÇÕES EDUCATIVAS SOBRE A SÍFILIS. **I CONGRESSO INTERNACIONAL DAS CIÊNCIAS DA SAÚDE**, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.31692/ICOINTERPDVS.2019.0012> Acesso em: 13 dez. 2021.
- FURTADO, Mônica Conceição Ferreira et al. CONHECIMENTO DE MULHERES ATENDIDAS EM UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE SOBRE A SÍFILIS KNOWLEDGE OF WOMEN ATTENDED AT THE BASIC HEALTH UNIT ON SYPHILIS. In: **Temas em saúde**, 2019.

LAZARINI, F. M.; BARBOSA, D. A. Intervenção educacional na Atenção Básica para prevenção da sífilis congênita¹. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 25, 2017.

MACIEL, C. J. V. G. **Estratégias de prevenção da sífilis congênita: a atenção a parceiros sexuais**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Fundação Oswaldo Cruz, Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26361>. Acesso em: 03 jan. 2023.

MASCHIO-LIMA, Taiza et al. Perfil epidemiológico de pacientes com sífilis congênita e gestacional em um município do Estado de São Paulo, Brasil. **Rev. Bras. Saude Mater. Infantil.** , Recife, v. 19, n. 4, pg. 865-872, 2019.

NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. Reflexões sobre a saúde dos homens jovens: uma articulação entre juventude, masculinidade e exclusão social. In: **GOMES, R. (org.). Saúde do homem em debate. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz**, p. 111-281, 2011.

NEVES, K. C. et al. O conhecimento do homem sobre a sífilis: Impacto nas ações preventivas e adesão ao tratamento. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v.9, n.50, p.1789–1794, 2020.

NUNES, Patrícia Silva et al. Tendência temporal e distribuição espacial da sífilis gestacional e congênita em Goiás, 2007-2017: um estudo ecológico. **Epidemiologia e serviços de Saúde**, v. 30, p. e2019371, 2021.

PADOVANI, Camila Oliveira et al. Sífilis na gestação: associação das características maternas e perinatais em região do sul do Brasil. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 26, 2018.

PALHARES, Rafaela Fernandes Conhecimento das gestantes acerca da Sífilis e a importância da educação em saúde. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 3, p. 7073-7080, 2020.

RABELO, B. et al. Avaliação do conhecimento sobre sífilis congênita e gestacional entre mulheres puérperas. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 98380-98389, 2020.

REGINA, P.. et al. Caracterização da clientela de um programa de atendimento psicológico a estudantes universitários. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 6, n. 1, p. 114-130, 2016.

RIBEIRO, M. M. et al. Sífilis Congênita-medidas de prevenção em populações vulneráveis no Brasil: uma revisão de literatura Congenital Syphilis-prevention measures in vulnerable populations in Brazil: a literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 5, n. 3, p. 11011-11023, 2022.

SANTOS, D. et al. A EDUCAÇÃO EM SAÚDE COMO ESTRATÉGIA NA PREVENÇÃO DA SÍFILIS. **Mostra de Inovação e Tecnologia São Lucas (2763-5953)**, v. 2, n. 2, p. 7-9, 2021.

SANTOS, Nara Rejane Zamberlan et al. FORMAÇÃO DE UNIVERSITÁRIOS MULTIPLICADORES: AÇÕES EXTENSIONAISTAS NO CENÁRIO ESCOLAR E COMUNITÁRIO NO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL, RS. **RAÍZES E RUMOS**, v. 2, n. 2, p. 7-7, 2014.

SILVA, Patricia Alves dos Santos et al. A saúde do homem na visão dos enfermeiros de uma unidade básica de saúde. **Escola Anna Nery**, v. 16, p. 561-568, 2012.

SILVA, Z. F.; TEIXEIRA, K. S. S.; NASCIMENTO, D. S.. Pacientes portadores de sífilis atendidos em uma unidade terciária em Fortaleza: perfil sociodemográfico. **Revista Brasileira de Análises Clínicas**, v. 49, n. 1, p. 105-109, 2017.

SOUZA, L. A. et al. Ações de enfermagem para prevenção da sífilis congênita: uma revisão bibliográfica. **Revista de iniciação científica da libertas**, v. 8, n. 1, p. 108, 2018.

SOUSA. A. P. A. G. C. et al. **ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DE CASOS NOTIFICADOS DE SÍFILIS EM PEDRO II-PI E A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO PROCESSODE PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.** in: FREITAS, Guilherme Barroso Langoni de. *Epidemiologia e Políticas Públicas de Saúde*. p. 320 -331. - Irati: Pasteur, 2020.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS**QUESTIONÁRIO**

Data:_____/____/____

Sexo

Feminino () Masculino ()

Faixa etária

20 a 30 ()

30 a 45 ()

Estado Civil

Solteiro(a) () Namorando () Casado (a) ()

Escolaridade

Ensino fundamental completo () Ensino fundamental incompleto () Ensino médio completo ()

Ensino médio incompleto () Ensino superior completo () Ensino superior incompleto ()

1.A Sífilis é uma:

- () infecção sexualmente transmissível, curável e com tratamento
- () infecção sexualmente transmissível, não curável e sem tratamento
- () virose () não sei

2. A sífilis é causada por um(a):

- () bactéria () vírus

☐ picada de um mosquito ☐ não sei

3. Qual a forma de transmissão da sífilis

☐ pode ser transmitida por contato sexual, transfusão sanguínea, e da mãe para o bebê durante a gestação

☐ pode ser transmitida por sabonetes, toalhas e assentos sanitários ☐ não sei informar

4. O método de prevenção para evitar o contágio da Sífilis é

☐ lava as mãos com álcool em gel, ou utilizar inseticida

☐ uso correto e regular da camisinha

☐ não sei informar

5. Qual nome do teste para detecção da Sífilis na Atenção Básica Hemograma Completo()

Teste do pezinho() Teste rápido ()

Não sei informar ()

6. A sífilis é clássicada em:

☐ sífilis adquirida, congênita e gestacional

☐ somente como sífilis ☐ não sei informar

7. Quem já teve sífilis pode pegar novamente

☐ sim

☐ não

☐ não sei

8. Já participou de palestras, e já foi informado sobre o uso do teste, para indentificação da Sífilis na UBS local?

☐ sim

☐ não

**ANEXO A – PANFLETOS DISTRIBUIDOS NA PALESTRA NA UBS 1 E 2,
COM A PALESTRANTE ANA MARIA, E PARTICIPANTES**

Figura 1: Panfleto distribuído durante intervenção realizada nas UBS 1 e 2 analisadas do município de Pedro II



Fonte: Acervo pessoal da autora (2022).